

Corpos femininos negros em sororidade: cumplicidade e empatia em Niketche: uma história de poligamia

Luciana Dos Santos Silva¹

Paulina Chiziane e o seu projeto literário feminino

Niketche: uma história de poligamia é um romance publicado em 2002 de autoria de Paulina Chiziane, primeira romancista moçambicana e vencedora do Prêmio Camões em 2021 em razão do reconhecimento de sua obra desde os anos de 1980. Hoje amplamente estudado, na época de seu lançamento tornou-se alvo de preconceitos que a própria escritora através de relatos em entrevistas menciona ter sido em razão de sua autoria feminina e temática em torno do cotidiano das mulheres de Moçambique.

Considerado por alguns leitores um romance de cunho feminista, aspecto que Chiziane não afirma, pois considera apenas ter representado em *Niketche* através de Rami, narradora-personagem da história, a condição de esposas subjugadas em relacionamentos polígamos no seu país, situação que não é incomum. A singularidade de sua escrita feminina e a sua visão de mundo seriam os responsáveis pelo seu projeto literário que conseguiu romper com o silenciamento imposto por décadas às mulheres moçambicanas e ainda reuniu outros elementos, como: “poligamia, escravidão, guerra civil, religiosidades, maternidade, misticismo, colonialismo, mestiçagem, ruralidade, urbanidade, entre outros temas tão caros ao movimento da moçambicanidade” (FREITAS, 2021, p.6).

De natureza observadora e reflexiva, atenta aos acontecimentos dos que vivem à sua volta, Chiziane viu suas ideias se expandirem de tal forma que precisou se expressar através da escrita, revela que “As cantigas na hora de pilar não eram suficientes para libertar a minha opressão e projectar a beleza do mundo que sonhava construir. Comecei a escrever as minhas reflexões” (CHIZIANE, 2013, p.202). De maneira, que a sua criação literária não estaria desvinculada do processo dos acontecimentos da sua vida, assim presume-se que “[...] a obra não está fora de seu contexto “biográfico”, não é o belo reflexo de eventos independentes dela” (MAINGUENEAU, 2001, p. 46). Portanto, a sua vivência serve de motriz para contar suas histórias com ênfase a tradição oral, motivo pelo qual não se detém a um modelo estético pré-determinado.

Rami e a descoberta da poligamia

¹ Mestre em Estudos Literários pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/FFP). Pós-Graduada no curso de Especialização em Educação Básica na Modalidade Ensino de Língua Portuguesa e Literatura e Licenciada em Letras Português/Literatura, ambos pela mesma instituição.

Rami, narradora e personagem principal do romance *Niketche*: uma história de poligamia, surge no início da narrativa como uma figura frágil que sente-se abandonada pelo marido, o comandante de polícia Tony que se torna cada vez mais ausente. Uma mulher casada há mais de 20 anos e que enfrenta diariamente o machismo do seu companheiro que considera natural manter casos extraconjugais.

O percurso narrativo conduzido pela personagem Rami exhibe logo no primeiro capítulo um cenário de dor e abandono. Nesta configuração social, a esposa demonstra a necessidade da presença masculina para sentir-se respeitada. A mulher não é valorizada por suas palavras e ações, o marido a representa, ele que determina a tomada de decisões familiar “um marido em casa é segurança, é proteção” (CHIZIANE, 2021, p. 11).

Diante da descoberta de que o marido Tony constituiu outras famílias com mais quatro mulheres, a personagem segue uma trajetória de investigação até encontrar a residência de todas e confrontá-las: Julieta, Luísa, Saly e Mauá, que como amantes de seu marido são tidas inicialmente como rivais por disputarem o amor e a atenção do mesmo homem que com cada uma delas estabeleceu casa e teve filhos.

Sobre a poligamia, mas estritamente, está se faz presente em algumas regiões de Moçambique, principalmente nas zonas rurais e nos centros urbanos mesmo que não seja abertamente, os homens possuem às escondidas outra mulher o que se diferencia da poligamia tradicional, onde era concedido a primeira mulher o direito de escolha das demais esposas do marido “Todo o problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixaram os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia a poligamia introduziram-na. Onde havia baniram-na. Baralharam tudo, os desgraçados!” (CHIZIANE, 2021, p. 91).

A preservação da prática poligâmica também evidencia uma maneira de afirmação do homem que, possuindo uma condição socioeconômica estável transforma em concubinas as mulheres que não possuem recursos financeiros e perspectiva de sobrevivência por falta de oportunidades educacionais e de trabalho. Questão que torna a representatividade de Chiziane tão necessária para o cenário feminino moçambicano. De acordo com a pesquisadora Iris Amâncio (2018):

[...] com a percepção crítica literária contemporânea e permite que o corpo da mulher negra que escreve seja representado e visibilizado como o corpo coletivo de identidades, epistemologias, gestos e vozes negras em diferença, historicamente negados e subalternizados. (AMÂNCIO, 2018)

Paulina Chiziane consegue este alcance, abre relatos e testemunhos. O relato da personagem Luiza (Lu), denuncia a questão da violência estrutural que assola o país, sendo os fatos ainda mais comuns nas áreas rurais, ou seja, as mais pobres:

— Em pequena fui violada por soldados na mata. Não concebi, graças a Deus. Uns anos depois, a minha mãe entregou-me como esposa a um velho da zona, em troca de uma manta de algodão para cobrir os meus irmãos, na altura havia muito frio. O velho era bom, era para mim o pai que nunca tive. Mas as suas esposas velhas me maltratavam, e punham sobre os meus ombros todo o trabalho pesado: buscar água no rio, para uma família de dezassete pessoas, pilar o milho, procurar lenha nas savanas, produzir carvão. (CHIZIANE, 2021, p. 222-223)

Nota-se que o próprio texto de Paulina Chiziane oferece o enfoque necessário em torno do relacionamento do gênero feminino com o mundo e com iguais, elementos que evidenciam a ótica de Chiziane de apoio mútuo entre mulheres, ideias que também são fruto de sua participação em projetos para a promoção da mulher e que incide na ficcionalidade.

Sororidade entre as mulheres

O afeto e a cumplicidade entre as personagens são identificados quando as mulheres se amparam, são empáticas e solidárias uma com as outras, sobretudo, após partilharem as suas histórias de vida, todas ligadas a dependência pelo mesmo homem, Tony, por diferentes necessidades. Se para Rami o casamento com um homem importante lhe daria status de mulher digna, para as demais, a urgência de um protetor e provedor teria prevalecido quando escolheram ceder as investidas do homem.

O primeiro sinal da cumplicidade entre as mulheres ocorre quando Rami após travar uma briga com a amante do marido, Julieta, recebe o acolhimento da suposta rival em gesto de irmandade, momento em que a personagem começa a despertar uma consciência que ambas são apenas vítimas da dominação masculina “— Julieta levou-me para dentro de casa. Deu-me banho morno. Fez-me os pensos para estancar as feridas [...]” (CHIZIANE, 2021, p.21).

Se no início da narrativa há rivalidade entre Rami e as demais mulheres de Tony uma força agregadora surge para impulsioná-las, assim com o desenvolvimento da narrativa deixam de se enxergar como adversárias à cúmplices e parceiras; um sistema de apoio familiar. No decorrer da história os corpos femininos aos poucos se reconhecem, regeneram-se e acolhem-se em gestos de irmandade. Instante de escuta, identificação mútua, empatia que se apresentam em consonância com o conceito de sororidade.

De acordo com Pachá; Piedade (2021) "Sororidade vem da ideia de irmandade, mas também podemos dizer que tem a ver com empatia, união entre mulheres, solidariedade[...]". Rami reconhece o sofrimento das outras e se compadece, os desabafos que passa a colher na casa de cada uma das mulheres lhe traz as lembranças da sua experiência particular, sentimento externado em diálogos e encontros travados entre elas. Episódios que retratam circunstâncias que vão surgindo ao longo da narrativa. Rami conforta Julieta: "Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me" (CHIZIANE, 2021, p. 22).

Rami também se sente vulnerável, encontra na recente conquista do seu marido Tony, uma mulher que poderia ser considerada mais uma ameaça ao seu casamento, porém, surge como um apoio físico e emocional para a cura do seu abatimento. Eva, a acolhe, duas mulheres que no jogo das relações se sentem mais vítimas do que agressoras diante da complexa situação em que se encontram. Com carinho, Eva: "Descarrega sobre mim o oceano de ternura. Coloca o seu braço delicado sobre o meu ombro. Abraça-me." (CHIZIANE, 2021, p.186).

A mulher no universo da maternidade, a missão de procriar, gerar descendência é a mesma que procura o seu espaço de fala, de existência, de respeitabilidade no processo de transferência de conhecimento que coube a ela preservar através da oralidade. A maternidade em comum é um elemento motor na decisão de Rami preocupar-se em garantir um futuro digno para os filhos gerados fora do casamento, exigindo do marido o reconhecimento de todas as crianças nascidas dos relacionamentos extraconjugais, fato declarado com gratidão pela personagem Lu durante uma das reuniões entre as mulheres:

[...] Tiraste um pouco da tua chama e acendeste as nossas velas. Somos esposas de um polígono, socialmente reconhecidas, já ninguém nos olha como mãe solteiras apesar dos pesares. Os nossos filhos têm direito a um pai e a uma identidade. Nós já temos negócios, vida própria, sonho e sombra. Já não estendemos a mão para pedir sal e sabão. (CHIZIANE, 2021, p. 220).

Para a jornalista e escritora, Paula Roschel o conceito de "Sororidade", está além de ser um substantivo feminino de fraternidade, se estende a outros significados, esclarece:

[...] solidariedade entre irmãs, harmonia e, sobretudo, aliança feminina, mas seu maior impacto está na luta contra a violência e injustiça relacionada ao gênero, sugerindo que através do apoio coletivo entre mulheres é possível lutar pelo direito de todas. [...] "– a capacidade de se pôr no lugar da outra, de se enxergar em outra mulher, reconhecendo nela suas próprias forças e fraquezas – mesmo entre aquelas que não estão no seu círculo de convivência [...]" (ROSCHER, 2020).

A sororidade então implicaria em atitudes de afeto e tolerância, uma compreensão aplicada diante de diferentes questões. No caso, o fato de aceitar e acolher afetuosamente

outra mulher com suas demandas e problemas, mesmo que não se afinem as suas questões pessoais definiria uma prática empática, logo uma atitude de sororidade. Vibrar com a conquista de outras mulheres e incentivar ou participar do seu crescimento pessoal também faz parte desta troca. Em *Niketche*, Rami se alegra com a realização de Lu:

[...] Foi um momento de emoção. Abraçámo-nos. Rimos. Chorámos. Não conseguia acreditar naquilo que os meus olhos viam. A Lu estava a fazer progressos financeiros consideráveis. — Parabéns, Lu! — digo eu enquanto fazemos um brinde com copos de água.” (CHIZIANE, 2021, p. 215).

A escuta generosa também contribui para o fortalecimento da outra mulher que espera apenas identificação de iguais com a sua dor e conquistas, uma atitude de compaixão e acolhimento “vejo duas lágrimas serenas no rosto da Lu. Tem um momento de ausência. Há uma janela abrindo-se no fundo da consciência. Deve estar a pensar na aldeia que ficou. Na infância amarga que passou” (CHIZIANE, 2021, p.222).

Rami busca prosperar juntamente com as outras mulheres, não há nela o egoísmo ou mágoa do passado, a sua atitude é de benevolência com todas as mulheres, compartilha os recursos financeiros necessários, incentiva, ajuda a elaboração de projetos com o desejo de vê-las, cada uma delas, donas de suas próprias vidas e com garantia de permanência de seus negócios e planos vigentes:

Transferi o dinheiro das mãos da Lu para a Mauá e dei a Ju um dinheiro que o Tony me dera um dia para guardar. A Mauá começou a tratar dos cabelos, a desfrisar cabelos, coisa que ela entende muito bem. Começou na varanda da sua casa. Conseguiu duas ajudantes. A varanda era pequena e passou a usar a garagem da sua casa. Agora tem uma multidão de clientes. A Ju vai aos armazéns, comprar bebidas em caixa e vende a retalho. Dá muito lucro. (CHIZIANE, 2021, p. 103).

A narrativa atinge o seu ápice quando as mulheres se reconhecem fortes e todo contexto do sagrado se avulta dentro delas e o feminino preenche todo o espaço pretendido por Chiziane que ficciona um novo formato do viver desse grupo de mulheres:

[...] Juntas celebramos o porvir e juramos: a partir de hoje, caminharemos na marcha de todas as mulheres desprotegidas pela sorte, multiplicaremos a força dos nossos braços e seremos heroínas tombando na batalha do pão de cada dia. (CHIZIANE, 2021, p. 253)

A dança simboliza esta união, os corpos se movem em sintonia pela libertação não apenas para elas, mas para outras mulheres que virão, um trecho da narrativa que Paulina Chiziane traduz a energia feminina que se sustenta através da troca desses corpos em interação: [...] Com suor e lágrimas danço em oração: Deus, faz de mim a última mulher da geração do sofrimento! (CHIZIANE, 2021, p. 253).

A resistência é uma atitude persistente entre as mulheres do romance que Chiziane procurou representar no romper dos rótulos impostos pela sociedade patriarcal. Neste aspecto, a própria escritora também traduz a sua resistência ao superar diversos conflitos armados e desconfianças quanto ao seu fazer literário. Para a premiada escritora cabo-verdiana Dina Salústio ao se referir as dificuldades encontradas no mesmo continente, explica as alegrias e revezes da escrita deste corpo feminino:

Nós mulheres escrevemos sobre isso, escrevemos isto. De várias maneiras, com intensidades diferentes, de vários jeitos e em vários géneros. Escrevemos com o corpo magoado, com o corpo humilhado, com o corpo abandonado, com o corpo maltratado. Também escrevemos com o corpo alegre, realizado, dançante e vitorioso. Em primeira pessoa. E mais: nós estamos a aprender a escrever, mas sobretudo estamos a colocar-nos no lugar da outra mulher e a aprender a ver do lugar onde ela se encontra e de onde ela olha para que na nossa escrita a sua verdade não seja deturpada ou adaptada a outros interesses. (SALÚSTIO, 2018).

As correntes sociais que aprisionam Rami são destaque e contraponto de suas realizações. Quando sente-se liberta do casamento fadado ao término onde permanecia na invisibilidade exalta a sua independência. “Era minha alma fora das grades sociais. Era o meu sonho de infância, de mulher. Era eu, no meu mundo interior correndo em liberdade nos caminhos do mundo.” (CHIZIANE, 2021, p.214). Este trecho de *Niketche* define a emancipação de Rami diante da condição que vivia, momento em que há um reencontro da personagem com os seus sonhos da juventude, sonhos reprimidos pelo marido. E ainda mais importante, chega a este momento trazendo ao lado as outras mulheres, beneficiando-as.

Conclusão

A história proporciona ao leitor a chance de pensar em novos espaços que podem ser ocupados pelas mulheres, seja em Moçambique, ou em qualquer outro país. A narrativa rompe com a exclusividade do protagonismo masculino, mostrando possibilidade de independência das mulheres que terminam sua trajetória com novos amores e com negócios em ascensão. A personagem reconsidera a situação tornando-se, posteriormente, amiga de cada uma das mulheres com intenção de apoiá-las. Chiziane preocupa-se em garantir a Rami e as demais mulheres de Tony, um lugar de redenção com um final surpreendente, o homem que era disputado e figura central dos relacionamentos passa a ser ignorado e torna-se rejeitado por cada uma delas.

Em consonância com a representatividade feminina que retira a mulher das contenções sociais e invisibilidade, Paulina Chiziane expõe de maneira crítica no seu romance *Niketche*:

uma história de poligamia (2002) possibilidades de autonomia da mulher ora silenciada na condição física e/ou emocional.

Assim, o feminino une-se na dança, na prece, no choro, na espera, na revolta, esses fundamentos que alicerçam a resistência entre iguais surgiram no texto como uma teia de cumplicidade, empatia e reconhecimento mútuo e, apesar de não ser definido como um texto feminista pela escritora, os elos são visíveis, as mãos que se tocam, os abraços que confortam e a parceria rumo a garantia da autoestima e condições dignas de vida.

Esta leitura se manteve atenta às configurações evidenciadas no âmbito da literatura, da história, da cultura, da vivência, do feminino e da sociedade moçambicana, mas não deixou de encontrar semelhança de países colonizados, pois as identificações preexistem. Quando ampliada as reflexões acerca do espaço ocupado pelas mulheres nos “quatro cantos do mundo” e ainda no ano de 2023, é possível constatar que o caminho a percorrer é longo, portanto, os debates em torno da representação de mulheres e suas lutas diárias fazem-se necessários. Implica falar em subalternidade e tantos outros direitos negados a elas, reivindicar espaços igualitários, direitos sem hierarquia de gênero ou raça e que a mulher possa existir, viver e atuar de maneira que julgar mais conveniente.

Referências

AMÂNCIO, Iris. Não somos mulheres as escritoras negras de língua portuguesa? In: SALGADO, Maria Teresa et al. *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. [S.l.]: Oficina Raquel: 2018. 292 p. ISBN 859500031X. Edição Kindle

CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, v. 5, n. 10, p. 199-205, 30 abr. 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/abriluff.v5i10>>. Acesso em: 26 jan. 2023.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché: Uma história de poligamia*. 1ª Reimpressão. São Paulo: Companhia de bolso: 2021.

FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. A balada em prosa poética de Paulina Chiziane. In: _____ (Org.). *Moçambique no feminino: a narrativa de Paulina Chiziane*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. 179 p. ISBN 978-65-5942-070-4. Disponível em: <<http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/816/896/7259-1>>. Acesso em 24 Jun. 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade. (coleção leitura e crítica). Tradução de: Maria Appenzeller; revisão da tradução: Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. ISBN: 85-336-1386-5

PACHÁ, Andréa Maciel; PIEDADE. Vilma. *Sobre feminismos*. Rio de Janeiro: Agir, 2021. 2. ed. ISBN: 978-65-5837-100-7. Edição Kindle.

ROSCHEL, Paula. Sororidade: quando a mulher ajuda a mulher. São Paulo Editora Europa, 2020. ISBN: 978-85-7960-628-1. Edição Kindle.

SALÚSTIO, Dina. Escritas do corpo feminino. In: SALGADO, Maria Teresa et al. Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos. [S.l.]: Oficina Raquel: 2018. ISBN: 978-85-9500-031-5. Edição Kindle